

A PRESENÇA DA TECNOLOGIA, SEU USO E VALIAÇÃO DESSES NOS CURSOS UNIVERSITÁRIOS DE LETRAS-INGLÊS NO ES NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XXI

Christine S. ALMEIDA
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo¹

RESUMO: Este artigo é oriundo de uma comunicação oral apresentada no III Congresso Internacional da ABRAPUI, cujo texto é um recorte de minha dissertação de mestrado, defendida em 2003, que apresenta um quadro informativo sobre as Instituições de Ensino Superior, IES, que, nos primeiros anos do século XXI, ofereciam o curso de licenciatura em Letras, habilitação em Língua e Literaturas em língua inglesa, no estado do Espírito Santo, tendo como principal foco a presença e o uso da tecnologia no curso em questão. Por meio de questionários, na tentativa de se 'fotografar' os cursos de Letras-Inglês do estado, foram ouvidas as vozes das instituições, dos professores do curso e dos alunos formandos sobre diversos aspectos do aludido tema. Suas respostas contribuíram para a composição do cenário que será exposto, que também contará com a apreciação crítica, bem como sugestões, por parte da pesquisadora.

PALAVRAS-CHAVE: formação de professores; cursos de Letras-Inglês no ES; uso da tecnologia nos cursos de Letras-Inglês.

ABSTRACT: *This article is the result of an oral communication presented in the III International ABRAPUI Congress, and its text is an excerpt of my master's thesis, defended in 2003, which presents information about the higher education institutions that, in the first years of the XXI century, offered a degree in English Language in the state of Espírito Santo, Brazil, and has its main focus on the presence and the use of technology in the mentioned course.*

KEYWORDS: *teacher education; English Language courses; use of technology in the English Language courses.*

Introdução

Ao investigar, nos primeiros anos do século XXI, a situação da formação de professores de inglês como língua estrangeira, doravante LE, realizei uma pesquisa (ALMEIDA, 2003) de levantamento de dados (FOWLER, 1993; GILLHAM, 2000; BABBIE, 2001; FOWLER, 2002) com quatro instituições de ensino superior, doravante IES, em meu estado natal, o ES. O referencial teórico do estudo baseou-se na legislação vigente no país à época (BRASIL, 1996; *ibid.* 2001, *ibid.* 2002a, *ibid.* 2002b), em estudiosos da formação de professores (RICHARDS, 1990; PENNINGTON, 1990; MOITA LOPES, 1996; LEFFA, 1999; LEFFA, 2001; VOLPI, 2001) e em estudos empíricos sobre a formação de professores no Brasil (PAIVA, 1997; BARCELLOS, 1999; LIMA, 2000; PAIVA, 2000). Para a coleta de dados, foram utilizados questionários, com o mesmo teor de indagações, para os três grupos de respondentes – administração, corpo docente e corpo discente. Os questionários administrativos foram respondidos pela direção

¹ Aluna bolsista CNPQ – Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.

e/ou coordenação pedagógica da instituição, os questionários dos professores foram respondidos pelos docentes que ministravam aulas de língua inglesa ou de disciplinas de natureza pedagógica, e os questionários dos alunos foram respondidos por discentes que estavam no seu último semestre letivo. As respostas levantadas foram categorizadas, tabuladas e posteriormente analisadas.

Esclareço que o recorte que fiz para este trabalho em especial tem como foco a presença da tecnologia, o uso que dela é feito, como também a avaliação que os participantes do estudo fazem sobre esse assunto. Desenvolverei a apresentação dos dados na seguinte sequência: esta introdução, uma visão geral sobre os participantes da pesquisa, os laboratórios de informática das IES pesquisadas, os laboratórios de compreensão oral / fonologia das IES, e as considerações finais.

Os participantes da pesquisa e a confiabilidade dos dados levantados

À época da realização da coleta de dados, nos meses de agosto e setembro de 2002, o estado do ES contava com dez IES que ofereciam o curso de Letas-Ingês². Dessas, apenas uma pública, quatro delas localizadas na Grande Vitória³, e as demais distribuídas ao longo do estado. Das dez IES, cinco se encaixavam nos dois critérios definidos para a participação na investigação – possuem turmas formandas e aceite para fazer parte da pesquisa. Uma das IES que apresentava os critérios mencionados se recusou a participar do estudo, e as quatro participantes receberam, por questões éticas, os codinomes de Verde, Amarela, Azul e Branca.

A participação dos professores e alunos formandos está registrada na Tabela 1, a seguir:

| IES | Questionários | | | | | |
|---------|------------------------|------------|------------|-----------------------------|------------|------------|
| | Questionário de Alunos | | | Questionário de Professores | | |
| | Distribuídos | Devolvidos | Percentual | Distribuídos | Devolvidos | Percentual |
| Verde | 25 | 24 | 96,0% | 13 | 11 | 84,6% |
| Amarela | 10 | 9 | 90,0% | 10 | 6 | 60,0% |
| Azul | 38 | 37 | 97,4% | 8 | 5 | 62,5% |
| Branca | 16 | 16 | 100% | 15 | 14 | 93,3% |
| Total | 89 | 86 | 96,6% | 46 | 36 | 78,3% |

Tabela 1: Participação de alunos e professores nas respostas dos questionários

Tanto a participação de alunos quanto de professores é um fator essencial para uma melhor compreensão do quadro que se tenta desenhar. Como mostrado na Tabela 1, a contribuição dos alunos ultrapassou o percentual de 95,0%, com destaque para os alunos formandos da IES Branca, cuja participação foi total. A contribuição dos professores foi mais modesta, merecendo destaque também a IES Branca, onde a participação dos docentes foi a mais ativa. Dessa forma, posso afirmar que os resultados apresentados

² Cursos que ofereciam a habilitação em Inglês, independentemente de serem de natureza de licenciatura única ou dupla.

³ Região metropolitana do estado do ES, composta pelos municípios de Vitória, Vila Velha, Cariacica, Serra, Viana, Guarapari e Fundão.

podem ser considerados válidos e confiáveis por representarem as respostas de 87,45% de todos os alunos e professores das instituições investigadas.

Sabedores, portanto, dos participantes da pesquisa, passo ao tema central deste artigo: a presença da tecnologia, seu uso e a avaliação que os participantes acima elencados fazem de tais dependências.

Laboratórios de informática

Cody e Siqueira (2000) ensinam que os computadores devem ser aliados do professor, que deve usá-los como mais uma ferramenta pedagógica. Ainda, com o advento de novidades em relação ao ensino de línguas (prática de exercícios, aquisição de vocabulário, e diversas oportunidades de uso da LE), das pesquisas na rede mundial de computadores (troca de experiências e contatos com outros falantes da LE) e da proliferação do uso de computadores, parte-se da ideia inicial de que os alunos do curso de Letras deveriam estar familiarizados e conscientes da utilização desse recurso.

Partindo da premissa de que todas as instituições oferecem esta dependência para uso de seus alunos, o tópico em questão foi explorado na pesquisa sob três aspectos: (1) o número de computadores que são disponibilizados para uso dos alunos, (2) a opinião da administração, dos professores e dos alunos usuários sobre o estado dos laboratórios de informática, e (3) o efetivo uso desses laboratórios por parte dos alunos.

O primeiro aspecto a ser investigado é a relação entre o número de alunos da licenciatura Letras/Inglês e a quantidade de máquinas que à disposição do corpo discente das instituições.

| IES | Informações | | |
|---------|----------------------|------------------------|------------------------|
| | Alunos Letras/Inglês | Número de computadores | Relação alunos/comput. |
| Verde | 167 | 48 | 3,5 |
| Amarela | 89 | 20 | 4,4 |
| Azul | 204 | 50 | 4,1 |
| Branca | 61 | 70 | 0,9 |
| Total | 521 | 188 | 2,8 |

Tabela 2: Computadores nas IES investigadas

De acordo com a Tabela 2, em cada instituição em separado, a relação número de alunos *versus* número de computadores se mostra da seguinte maneira: na IES Verde, 3,5; na IES Amarela, 4,4; na IES Azul, 4,1 e na IES Branca, 0,9. Ou seja, das instituições investigadas, a IES Branca é a que disponibiliza praticamente um computador para cada aluno do curso de Letras/Inglês, em oposição às outras instituições, que apresentam uma relação sempre superior à média de três alunos por máquina disponibilizada. A IES Amarela é o oposto da IES Branca porque apresenta a menor relação de número de computadores para alunos, haja vista que 4,4 alunos devem compartilhar a mesma máquina.

Para os avaliadores⁴ do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, INEP, a relação de um computador para três alunos é considerada muito boa. Dessa forma, apenas as IES Amarela e Azul ficam acima do índice recomendado, devendo se preocupar em realizar a adequação de seu laboratório de informática. Já em relação ao conjunto das IES investigadas, considerando que as instituições pesquisadas juntas têm 521 alunos na licenciatura em questão, chega-se a uma média aproximada de três alunos por cada computador, o que está de acordo com as orientações.

A seguir, as avaliações quanto ao estado geral dos referidos laboratórios, o segundo item proposto a ser analisado:

| IES | Avaliação | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|-------------|-----------|--------|--------------------------|-------|-----------|-------|-------|-------|----------|-------|---------------------|-------|-----------|-------|-------|-------|----------|-------|------|------|
| | Adm. | | Professores ⁵ | | | | | | | | Alunos ⁶ | | | | | | | | | |
| | Ex | M B | Excelente | | Muito bom | | Bom | | Razoável | | Excelente | | Muito bom | | Bom | | Razoável | | Ruim | |
| | | | # | % | # | % | # | % | # | % | # | % | # | % | # | % | # | % | # | % |
| Verde | | X | | | 3 | 50,0% | 1 | 16,7% | 2 | 33,3% | 2 | 14,3% | 7 | 50,0% | 4 | 28,6% | 1 | 7,1% | | |
| Amar ela | X | | | 3 | 33,3% | 5 | 55,6% | 1 | 11,1% | | | 2 | 8,3% | 12 | 50,0% | 8 | 33,3% | 2 | 8,3% | |
| Azul | | X | 1 | 25,0% | 2 | 50,0% | 1 | 25,0% | | | 2 | 7,4% | 5 | 18,5% | 18 | 66,7% | 2 | 7,4% | | |
| Bran ca | X | | 1 | 16,7% | 3 | 50,0% | 2 | 33,3% | | | 3 | 33,3% | 6 | 66,7% | | | | | | |
| Total | | | 2 | 8,0% | 11 | 44,0% | 9 | 36,0% | 3 | 12,0% | 7 | 9,5% | 20 | 27,0% | 34 | 45,9% | 11 | 14,9% | 2 | 2,7% |

Tabela 3: Avaliação dos laboratórios de informática nas IES investigadas

Como registrado na Tabela 3, uma avaliação positiva (categorias 'excelente', 'muito bom' e 'bom') acerca do estado geral dos laboratórios de informática é a opinião que se verifica entre as partes investigadas.

Noto também que as instituições não fazem uma avaliação inferior a 'muito bom' e que os professores não usam a categoria 'ruim' para expressar suas opiniões. Os alunos, em geral, também avaliam positivamente os laboratórios de informática que são

⁴ Informação verbal da Profa. Dra. Laura S. Micolli, consultora *ad hoc* da Comissão Verificadora do MEC para avaliar as condições de oferta dos cursos de Letras, em Belo Horizonte, 2003.

⁵ 25 professores responderam a esta questão, ou seja, 69,4% da população total de professores investigados.

⁶ 74 alunos responderam a esta questão, ou seja, 86,0% da população total de alunos investigados.

disponibilizados para eles. No entanto, ressaltam-se dois aspectos dentro desse panorama positivo:

(1) a discrepância entre a opinião que a IES Amarela tem de seu laboratório (‘excelente’), tendo em vista que nenhum de seus professores ou alunos assim o classifica, e

(2) a uniformidade de opiniões dos alunos, para quem os laboratórios são disponibilizados, dentro da IES Branca, pois nenhum membro de seu corpo discente classificou esta dependência como ‘boa’ ou como categoria abaixo dessa.

O terceiro item a ser explorado é quanto ao uso que os alunos fazem desses laboratórios. Para esse questionamento, as respostas abaixo:

| IES | Avaliação | | | | | | | | | | | |
|---------|---------------|-------|------|------|---------------------|------|-----------|-------|------------|-------|------|-------|
| | Administração | | | | Alunos ⁷ | | | | | | | |
| | Int. | Freq. | Esp. | Raro | Intenso | | Frequente | | Esporádico | | Raro | |
| | | | | | # | % | # | % | # | % | # | % |
| Verde | | | X | | 1 | 7,1% | 1 | 7,1% | 3 | 21,4% | 9 | 64,3% |
| Amarela | | X | | | 1 | 4,2% | 5 | 20,8% | 6 | 25,0% | 12 | 50,0% |
| Azul | | X | | | | | | | 5 | 16,7% | 25 | 83,3% |
| Branca | | X | | | | | 4 | 44,4% | 5 | 55,6% | | |
| Total | | | | | 2 | 2,6% | 10 | 13,0% | 19 | 24,7% | 46 | 59,7% |

Tabela 4: Uso dos laboratórios de informática por parte dos alunos nas IES investigadas

A Tabela 4 indica a comparação da avaliação sobre a frequência de uso dos laboratórios de informática por parte das instituições e de seus alunos. Na opinião das instituições, o uso desses laboratórios varia entre ‘frequente’ e ‘esporádico’, sendo que apenas a IES Verde indicou a última categoria. Analisando as respostas dos alunos, verifico que esses dizem usar o laboratório de maneira diversa da afirmação das instituições, pois, enquanto quase 60,0% dos alunos responderam que raramente usam os laboratórios de informática oferecidos pelas instituições, três das quatro instituições acreditam que seus laboratórios são usados de maneira frequente por seu corpo discente. Nota-se que o menor uso feito pelos alunos é na IES Azul, apesar de a administração da instituição ter opiniões contrárias.

Acredito que o pouco uso que alunos fazem dos computadores disponibilizados pelas instituições pode ser decorrente de três razões:

- (1) os alunos possuem computadores em casa para seu uso,
- (2) os alunos não recebem direcionamento, orientação para utilização deste veículo de conhecimento, ou
- (3) pelo fato de os alunos serem trabalhadores em sua grande maioria, não tem tempo de chegar à instituição antes do horário escolar para fazer uso das máquinas oferecidas.

⁷ 77 alunos responderam a esta questão, ou seja, 89,5% da população total de alunos investigados.

Tendo visto então as informações e o cruzamento de opiniões dos participantes do estudo em relação aos laboratórios de informática de suas instituições, passarei a apresentar os dados acerca dos laboratórios de compreensão oral / fonologia.

Laboratórios de compreensão oral / fonologia

Dentro do curso de Letras/Inglês, a prática oral é de grande importância para o aprimoramento linguístico dos estudantes, pois, assim, mais oportunidades de contato, de aprendizagem, de contraste e de checagem junto à LE podem ser realizadas. Varella (1984, p. 49) resume essa ideia ao dizer que “o laboratório de línguas vem ocupando um lugar no ensino de inglês como um valioso instrumento que propicia ao aluno maior prática na produção da língua”. Das instituições investigadas, apenas uma, a IES Verde, não tem esse laboratório, como visto na Tabela 5.

| IES | Tem laboratório de fonologia? | |
|---------|-------------------------------|-----|
| | Sim | Não |
| Verde | | X |
| Amarela | X | |
| Azul | X | |
| Branca | X | |

Tabela 5: Laboratórios de compreensão oral / fonologia nas IES investigadas

Às instituições que possuem este recurso para uso de seus alunos (IES Amarela, Azul e Branca), foi solicitado que a administração, os professores e os alunos classificassem o estado geral desses laboratórios.

| IES | Avaliação | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|-------------|-----------|--------|--------------------------|-----------|----|-----------|-----|-----------|-----|-----------|------|---|---------------------|-----------|----|-----------|-----|-------|------|-----------|------|-----------|
| | Adm | | Professores ⁸ | | | | | | | | | | Alunos ⁹ | | | | | | | | | |
| | Ex c | M B | Exc. | | MB | | Bom | | Raz | | Ruim | | Exc. | | MB | | Bom | | Raz. | | Ruim | |
| | | | # | % | # | % | # | % | # | % | # | % | # | % | # | % | # | % | # | % | # | % |
| Amar ela | | X | | | 1 | 16,7 % | 3 | 50,0 % | 2 | 33,3 % | | | | | 1 | 5,0% | 5 | 25,0% | 7 | 35,0 % | 7 | 35,0 % |
| Azul | | X | 3 | 75,0 % | 1 | 25,0 % | | | | | | | 6 | 17,1 % | 1 | 54,3 % | 9 | 28,6% | | | | |
| Branc | X | | 1 | 33,3 | | | 1 | 33,3 | 1 | 33,3 | | | 1 | 14, | | | 3 | 42,9% | 2 | 28,6 | 1 | 14,3 |

⁸ O número total de professores respondentes é 36. Como a IES Verde não tem esse laboratório, seus 14 professores não responderam a esta questão. Dos 22 professores das outras três IES, 13 responderam a esta questão, ou seja, 59,1% dos professores investigados.

⁹ O número total de alunos respondentes é 86. Como a IES Verde não tem esse laboratório, seus 16 alunos não responderam a esta questão. Dos 70 alunos das outras três IES, 62 responderam a esta questão, ou seja, 88,6% dos alunos investigados.

| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|-------|--|---|------|---|------|---|------|---|------|--|----|------|---|------|----|-------|---|------|---|------|
| a | | | | % | | | % | | % | | 3% | | | | % | | % | | | |
| Total | | 4 | 30,8 | 2 | 15,4 | 4 | 30,8 | 3 | 23,1 | | 7 | 11,2 | 2 | 32,3 | 18 | 29,0% | 9 | 14,5 | 8 | 12,9 |
| | | | % | | % | | % | | % | | 3% | | 0 | % | | | | % | | % |

Tabela 6: Avaliação dos laboratórios de compreensão oral / fonologia nas IES investigadas

A Tabela 6 demonstra que uma vez mais temos uma avaliação geral positiva feita pelos três grupos de respondentes sobre um mesmo tópico. A opinião das instituições concentra-se nas categorias 'excelente' e 'muito bom', a opinião de 77,0% dos professores e de 72,6% dos alunos se encontra na faixa que avalia os laboratórios de compreensão oral / fonologia, variando entre as categorias 'excelente' e 'bom'.

Os alunos, usuários mais beneficiados desses laboratórios, pertencentes à IES Amarela, são os mais insatisfeitos com os seus laboratórios. E os da IES Azul são os que fazem uma avaliação mais positiva dos mesmos, pois mais da metade dos alunos os classifica como 'muito bom'.

Com relação ao uso feito pelos alunos dos laboratórios em questão, apresento o seguinte panorama:

| IES | Avaliação | | | | | | | | | | | |
|---------|---------------|-------|-----|------|----------------------|---|-----------|-------|------------|-------|------|-------|
| | Administração | | | | Alunos ¹⁰ | | | | | | | |
| | Int. | Freq. | Esp | Raro | Intenso | | Frequente | | Esporádico | | Raro | |
| | | | | | # | % | # | % | # | % | # | % |
| Amarela | | X | | | | | | | 2 | 9,1% | 20 | 90,9% |
| Azul | | X | | | | | 2 | 5,4% | 24 | 64,9% | 11 | 29,7% |
| Branca | | X | | | | | 2 | 28,6% | 4 | 57,1% | 1 | 14,3% |
| Total | | | | | | | 4 | 6,1% | 30 | 45,5% | 32 | 48,5% |

Tabela 7: Uso dos laboratórios de compreensão oral / fonologia por parte dos alunos nas IES investigadas

A situação constatada no uso dos laboratórios de informática aqui se repete. A Tabela 7 mostra que, apesar de as três instituições informarem que alunos do curso usam o laboratório de fonologia frequentemente, essa opinião é compartilhada por apenas 6,1% dos alunos respondentes, enquanto um percentual de 48,5% dos alunos informa que o usa raramente.

Os dados levam ao registro de dois fatos:

- (1) na IES Amarela, há o maior contraste de opiniões: a administração diz que o uso dos laboratórios é frequente e 91,0% dos alunos afirmam que os usam raramente, e
- (2) na IES Branca, nota-se um maior uso desses laboratórios por parte dos alunos.

¹⁰ O número total de alunos respondentes é 86. Como a IES Verde não tem esse laboratório, seus 16 alunos não responderam a esta questão. Dos 70 alunos das outras três IES, 66 responderam a esta questão, ou seja, 94,3% dos alunos investigados.

Temos visto esta mão dupla de informações sobre o uso dos laboratórios de fonologia e/ou compreensão oral nas instituições, assumo o risco de parecer tendenciosa, por julgar que os alunos não são incentivados ao uso, ou não lhes são dadas oportunidades para utilização, ou mesmo não sabem como fazer uso dos recursos desse laboratório.

Considerações finais

A partir dos dados acima apresentados e comentados, teço algumas considerações:

- (1) no que diz respeito aos laboratórios de informática, a relação entre o número de máquinas disponibilizadas para o uso discente e o número de alunos da licenciatura Letras/Inglês é variada – de um a quatro alunos por máquina. Apesar de as administrações, professores e alunos fazerem uma avaliação positiva destas dependências, seu uso, por parte dos alunos, deixa a desejar, embora as administrações o indiquem diferentemente.
- (2) Quanto aos laboratórios de compreensão oral / fonologia, a IES Verde é a única que não possui tal dependência. As avaliações feitas, tanto pelas administrações, quanto por professores e alunos das instituições possuidoras de laboratórios são positivas, apesar de seu uso ser apontado como raro pelos alunos e frequente pela administração.

Como a intenção original da pesquisa sempre esteve ligada à oferta de melhorias que os cursos de Letras-Inglês pudessem implementar visando uma formação de professores mais atualizada e condizente com as necessidades dos formandos, destaco, para o assunto ora abordado – o uso da tecnologia – a existência de investimentos sendo realizados nesse sentido.

Todas as instituições dispõem de laboratórios de informática que são considerados muito bons, na média geral, pelas administrações, professores e alunado (Tabela 3). Três quartos das instituições investigadas dispõem de laboratórios de prática oral / fonologia (Tabela 5), classificados, em geral, como bons pelas partes envolvidas (administração, professores e alunos) (Tabela 6). No entanto, o uso que alunos fazem de ambos os laboratórios é raro (Tabela 7) – fato que suscita alguns questionamentos. O que explica o pouco uso se há bons laboratórios? Seria em decorrência do horário de seu funcionamento? Será que os alunos dispõem de recursos similares em casa? Será que o curso não exige que trabalhos sejam entregues digitados, ou que pesquisas sejam feitas na *Internet*? Seria a ausência de atividades de desenvolvimento das habilidades de compreensão oral e auditiva? Essas questões merecem resposta que devem ser buscadas pelas instituições de forma a otimizar o uso desses laboratórios e fazer jus aos investimentos feitos pelas instituições.

Referências

ALMEIDA, Christine S. **Retratando a realidade espírito-santense quanto à formação de professores de inglês em nível universitário**. 2003. 180 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisas de survey**. Tradução de Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: UFMG, 2001. Original inglês (1997).

BARCELOS, Ana M. F. A cultura de aprender línguas (inglês) de alunos no curso de letras. In: ALMEIDA FILHO, José Carlos P. (Org.). **O professor de língua estrangeira em formação**. Campinas: Pontes, 1999. p. 157-177.

BRASIL. **Lei 9.394/1996**. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27839.

_____. **Parecer CNE/CP 9/2001**. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: set. 2002.

_____. **Resolução CNE/CP 1/2002 a**. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: set. 2004.

_____. **Resolução CNE/CP 2/2002 b**. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: set. 2004.

CODY, Frank; SIQUEIRA, Sílvia. **O professor do terceiro milênio**. Cotia: Íbis, 2000.

FOWLER JR, Floyd J. **Survey research methods**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 1993.

_____. **Survey research methods**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2002.

GILLHAM, Bill. **Developing a questionnaire**. London: Continuum, 2000.

LEFFA, Vilson J. O ensino das línguas estrangeiras no contexto nacional. *Contexturas*, São Paulo, n. 4, p. 13-24, 1999.

_____. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). **O professor de línguas estrangeiras – construindo a profissão**. Pelotas: Educat, 2001, p. 333-355.

LIMA, Diógenes C. EFL teacher preparation programs in Bahian state universities. In: LEFFA, Vilson J. (Comp.). **TELA – Textos em linguística aplicada**. Pelotas: Educat, 2000. CD-ROM.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

PAIVA, Vera L. M. de O. A identidade do professor de inglês. **APLIEMGE: Ensino & Pesquisa**. Belo Horizonte, v. 1, p. 9-17, 1997.

_____. A formação do professor de línguas. In: LEFFA, Vilson J. (Comp.). **TELA – Textosemlingüísticaaplicada**. Pelotas: Educat, 2000. CD-ROM.

PENNINGTON, Martha C. A professional development focus for the language teaching practicum. In: RICHARDS, Jack C.; NUNAN, David. (Ed.). **Second language teacher education**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. cap. 9, p. 132-152.

RICHARDS, Jack C. The dilemma of teacher education in second language teaching. In: RICHARDS, Jack C.; NUNAN, David. (Ed.). **Second language teacher education**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. cap. 1, p. 3-15.

VARELLA, Mônica N. de S. Laboratórios de línguas – considerações sobre um processo de humanização. **Revista Ensino de Línguas**, São Paulo, v. 17, p. 49-53, 1984.

VOLPI, Marina T. A formação de professores de língua estrangeira frente aos novos enfoques de sua função docente. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). **O professor de línguas estrangeiras – construindo a profissão**. Pelotas: Educat, 2001. p. 125-133.